

## **A AVALIAÇÃO NO CONTEXTO DO ENSINO E APRENDIZAGEM: RELATO DE UMA PRÁTICA DOCENTE.**

Ricardo da Silva Celestino\* (UFS) ricardobio@live.com

Aline Alves Melo\* (UFS) alinealvesmelo@ibest.com.br

André Luís de Andrade Monteiro\* (UFS) andre\_andrade\_monteiro@hotmail.com

Bruna Consuelo Camilo Santos\* (UFS) bruna\_consul@hotmail.com

### **RESUMO**

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem deve ser realizada de forma contínua, cumulativa e sistemática na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno. Ela adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu conseqüente projeto de ensino. Para isso, temos que associar os conhecimentos adquiridos em sala de aula ao cotidiano e desconstruir as formas tradicionais de avaliações baseadas no aspecto mecânico decorativo, que visam classificar os alunos de acordo com notas obtidas através da metodologia do exame, não evidenciando suas qualidades. Para tanto, implantamos meios de avaliações diagnósticas e formativas, constatando assim uma maior interação e participação, além de um bom desempenho dos alunos nas atividades propostas.

**Palavras chave:** Avaliação, Ensino, Aprendizagem.

### **ABSTRACT**

The evaluation of teaching and learning should be carried out continuously, cumulatively and systematically at school, in order to diagnose the situation of the individual pupil. It acquires its meaning in that it is linked to an educational project and its consequent teaching project. For this, we have to associate the knowledge acquired in the classroom to everyday life and deconstruct the traditional forms of assessments based on the mechanical aspect decorative, intended to classify the students according to notes obtained through the methodology of the exam, not showing his qualities. To this end, we established means of diagnostic and formative assessments, noting thus greater interaction and participation, and good performance of pupils in the proposed activities.

**Keywords:** Assessment, Teaching, Learning.

---

\*Graduando em Ciências biológicas licenciatura; Universidade Federal de Sergipe (UFS).

## INTRODUÇÃO

A educação, dentro de uma sociedade, não se manifesta como um fim em si mesma, mas, sim, como um instrumento de manutenção ou transformação social. Assim sendo, ela necessita de pressupostos, de conceitos que fundamentem e orientem os seus caminhos. Não há uma pedagogia que esteja isenta de pressupostos filosóficos. É possível compreender a educação dentro da sociedade, com seus determinantes e condicionantes, mas com a possibilidade de trabalhar pela sua democratização (LUCKESI, 2006).

A educação é um processo globalizado que visa à formação integral da pessoa, para o atendimento às suas necessidades e aspirações de natureza pessoal e social. Portanto, todas as atividades voluntárias e sistemáticas são destinadas a satisfazer o aprendizado. Enquanto processo de conscientização crítica do conhecimento, ela pode ocorrer de maneira informal, confundindo-se com o fenômeno do crescimento. E ao processar-se em um ambiente determinado e controlado, pode ser vista de maneira formal (INEP, 2007).

A educação não ocorre apenas na escola; ela é um processo permanente que se efetua na família, na comunidade, no trabalho, na comunicação social, enfim, na interação do homem com o meio. Portanto, é o conjunto de atividades destinadas a transmitir conhecimentos, a fomentar valores morais e a compreender princípios fundamentais aplicáveis ao longo da vida (UNESCO, 1997).

O ensino de Ciências Naturais é relativamente recente na escola fundamental, e tem sido praticado como uma mera transmissão de informações, usando apenas o livro didático e a lousa. Antes de 1961 o ensino de Ciências era não obrigatório e extra-oficial, sendo realizado nas duas últimas séries do antigo ginásio por um professor que era apenas um transmissor de informações produzidas pela Ciência, de uma maneira neutra. A partir de 1961, com a promulgação da LDB, passou-se a ensinar Ciência em todas as séries do ginásio. Mas apenas em 1971 passa a ter caráter oficial. Na década de 80, o ensino de Ciências Naturais passou a dar ênfase na construção do conhecimento pelo aluno, o que significou mudanças no processo ensino-aprendizagem, passando a questionar as metodologias de ensino que preconizavam apenas a memorização de fatos (PCNs, 2000).

A compreensão dos processos de construção dos conceitos científicos teve como principais referenciais teóricos e epistemológicos os trabalhos de Jean Piaget e a teoria da

Aprendizagem significativa de Ausubel. Segundo essas teorias o processo de construção de conceitos em sala de aula é resultado da interação do sujeito com o objeto de estudo. Um novo conceito seria ancorado a esquemas conceituais já existentes na estrutura cognitiva do sujeito, de modo a transformar o conhecimento ou esquemas já existentes em um conhecimento novo (FARIA, 1998).

A avaliação permite correção de caminhos, a partir de decisões que podem ser tomadas, tendo em vista o desenvolvimento pleno do educando. Basicamente, avaliar é emitir juízo de valor, após análises e/ou sínteses efetuadas. É uma apreciação qualitativa sobre dados relevantes do processo de ensino e aprendizagem que auxilia o professor a tomar decisões sobre o seu trabalho. A avaliação, essencialmente, não é um fim em si mesma, mas um elemento que permite averiguar até que ponto os objetivos definidos estão sendo alcançados (MORETTO, 2001).

Uma boa avaliação não deve possuir o formato de um exercício complementar, é preciso elaborar processos de avaliação mais significativos para a vida e o cotidiano dos alunos, que correspondam ao desenvolvimento de inteligências múltiplas (BIZZO & JORDÃO, 2007).

No entanto, a avaliação deve superar de uma vez por todas a característica de punição ou de instrumento de disciplina a disposição dos professores. O método de avaliação baseado na aprendizagem investigativa deve incentivar os alunos a participarem e a se interessarem pelas aulas, ampliando sua aprendizagem. Assim, a disciplina dos alunos precisa ser desenvolvida pela mudança da abordagem em sala de aula, e não mediante uma avaliação final que se configure como uma ameaça (BIZZO & JORDÃO, 2007).

Outro importante fator a superar é a cobrança da simples memorização de conceitos científicos pelos alunos. O ideal seria aplicar questões mais abrangentes, que avaliasse, se o aluno consegue contextualizar os conhecimentos obtidos, os quais serão utilizados em seu cotidiano.

A avaliação do processo de ensino e aprendizagem deveria ser realizada de forma contínua, cumulativa e sistemática na escola, com o objetivo de diagnosticar a situação de aprendizagem de cada aluno, em relação à programação curricular. Não deve priorizar apenas o resultado ou o processo, mas deve como prática de investigação, interrogar a relação ensino-

aprendizagem e buscar identificar os conhecimentos construídos e as dificuldades de uma forma dialógica (LUCKESI, 2006).

As formas de avaliação em ciências raramente apresentam alguma proposta de desenvolvimento de inteligências - devido a metodologia pedagógica utilizada - uma vez que estão baseados no modelo da repetição mecânica exaustiva dos conceitos. Este projeto visa apresentar atividades experimentais que possibilitem desenvolver diversas inteligências, integrando informações escritas, imagens e interações pessoais em situações-problema reais, o que garante relevância e mantém vivo o interesse do aluno.

Rever o ponto de vista de avaliação é rever certamente as concepções de ensino aprendizagem, de educação e de escola, apoiado em princípios e valores comprometidos com a instituição do aluno cidadão. Procuraremos colocar isso em prática, avaliando de forma diagnóstica, dialógica e transformadora na realidade escolar. Estimulando os alunos por meio de métodos avaliativos a pesquisarem e interagirem mais entre si e com o professor, tanto dentro quanto fora do ambiente escolar.

## **DESENVOLVIMENTO**

O estágio foi desenvolvido no Colégio de Aplicação localizado no Campus da Universidade Federal de Sergipe, situado no município de São Cristóvão - SE. Verificamos que o mesmo apresenta uma boa estrutura física, dispondo de salas ventiladas e iluminadas, quadro negro e lousa, carteiras em bom estado, banheiros higienizados, salas de coordenação e professores, bebedouros e cantina. Apresenta ainda, uma pequena biblioteca, sala de informática, auditório, laboratórios de ciências e sala de vídeo com televisão e aparelho de DVD. Além de recursos como data show e retroprojetor a disposição de todos os professores.

Iniciamos o estágio com a observação em sala de aula de uma turma do 7º ano do Colégio de aplicação, composta por trinta alunos com idades entre dez e quatorze anos. A intenção era verificar o comportamento dos alunos e do professor, para que pudessemos identificar as deficiências, já que tínhamos por finalidade aplicar o nosso tema de estudo para atender as necessidades dos alunos.

Nos primeiros dias de observação verificamos que: Somente um pequeno grupo de alunos interagiu com o professor, conseqüentemente este direcionava maior parte das suas explicações a esse grupo, fazendo com que o restante da turma pouco participasse da aula. As

atividades passada pelo professor para serem feitas em casa, não eram realizadas por todos os alunos, visto que, observamos que muitos copiavam as respostas dos colegas de classe, comprometendo o aprendizado pelo exercício, leitura de textos e pesquisas que as atividades passadas para casa proporcionam.

Foi notório nesse período de observações que os meninos interagem com o professor mais que as meninas. Além disso, havia uma competição por melhores notas. O que fazia com que poucos alunos fizessem indagações relacionando o assunto abordado em sala ao cotidiano deles.

Diante destas observações percebemos que tínhamos que associar os conhecimentos adquiridos em sala de aula ao cotidiano, buscando desconstruir as formas tradicionais de avaliação, baseadas no aspecto mecânico decorativo, visto que o sistema educacional ainda impõe o critério de avaliação somativa para classificar os alunos de acordo com suas notas, não evidenciando suas qualidades.

Contudo para investigar como os alunos pensam sobre o conteúdo abordado (avaliação formativa), realizamos atividades experimentais em classe como: Utilização do laboratório de ciências da escola com atividades práticas, com a finalidade de observar exemplares do material relacionado ao conteúdo da disciplina, fazendo com que os alunos associassem o conteúdo ao seu cotidiano, estimulando o interesse dos mesmos pelo assunto abordado - promovendo dessa maneira a interação entre alunos e professores.

Com a finalidade de ilustrar os conteúdos da disciplina utilizamo-nos do recurso do data show e da sala de vídeo. Para isso, imagens e documentários foram selecionados com o intuito de estimular os alunos à observação do meio que os cerca. Aproximando o que foi visto em classe, realizamos uma aula de campo pela área que circunda a escola, para que eles notassem fatos que antes passavam despercebidos, estimulando-os dessa maneira a contextualizarem os assuntos em sala de aula.

Já para as atividades extraclases, foram passadas leituras e discussões de texto, estimulando o hábito de ler e interpretar. Pesquisas com a finalidade de aguçar a curiosidade dos alunos acerca dos temas abordados, buscando um maior aprendizado significativo também foram propostas, bem como a realização de atividades experimentais em casa, estimulando a observação científica para a confecção de relatórios sobre o experimento. A

resolução de exercícios e trabalhos em grupo buscando a interação entre os alunos foi outro procedimento solicitado.

A avaliação da aprendizagem escolar adquire seu sentido na medida em que se articula com um projeto pedagógico e com seu conseqüente projeto de ensino. A avaliação, tanto no geral quanto no caso específico da aprendizagem, não possui uma finalidade em si; ela subsidia um curso de ação que visa construir um resultado previamente definido. Deste modo, os encaminhamentos que fizemos para a prática da avaliação da aprendizagem destinaram-se a servir de base para tomadas de decisões no sentido de construir com e nos educandos conhecimentos, habilidades e hábitos que possibilitassem o seu efetivo desenvolvimento (LUCKESI, 2006).

Para Vasconcelos (2000), em entrevista a revista Nova Escola, a avaliação pode ser classificada em quatro categorias:

A primeira é o conteúdo, na qual se percebe o conteúdo cognitivo do aluno. A segunda é a forma de avaliar: dar notas ou conceitos? Fazer ou não uma semana só de exames? Dar questões longas ou curtas? Outra categoria é formada pelas relações que a avaliação estabelece na prática de ensino: posso mudar a avaliação sem mudar o tipo de aula? Como avaliar uma classe grande? A última, e a mais importante, é a intencionalidade. Mudanças nos outros aspectos sem mudar a intenção com a qual se avalia não levam a nada. (<http://revistaescola.abril.com.br/img/planejamento/celso.doc>)

Em cada uma delas podemos perceber o nível de participação do aluno. A metodologia participativa é fundamental na concretização da nova intencionalidade.

Enfim, avaliamos para quê? Para detectar as necessidades do aluno e para atender à superação. Para isso fragmentamos a nota em diversas atividades, verificando o progressivo interesse dos alunos em participar do planejamento, mudando o foco de interesse dos mesmos, tornando-os mais participativos em sala de aula. Visto que a metodologia empregada no projeto, visava atrair a participação destes através de atividades que conferiam caráter avaliativo, deixando de tratar a avaliação como processo classificatório, utilizando-a no processo de aprendizagem. Os alunos passaram a interagir mais uns com os outros e com os professores, tornando a aula mais dinâmica, o que foi verificado com a participação da maioria dos alunos durante as aulas.

Houve uma melhora quantitativa e qualitativa na execução dos trabalhos, tanto em grupo quanto individuais. Fato que pôde ser verificado através de uma maior assiduidade dos

alunos nas atividades realizadas e análise dos trabalhos feitos, revelando um maior empenho por parte dos mesmos para realização das atividades.

### **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

De uma forma geral, o projeto alcançou seu objetivo, visto que observamos uma maior interação dos alunos nas atividades propostas, e o bom desempenho deles na unidade da disciplina que lecionamos. Para isso, levamos em consideração, que a avaliação não pode ser utilizada como instrumento de controle da disciplina a disposição dos professores. Verificamos que conforme o método de avaliação incentiva-se o aluno a participar e a se interessar pelas aulas, ampliando sua aprendizagem. Desta forma, mudamos a abordagem em sala de aula, fragmentando a nota, fazendo com que o processo avaliativo não ficasse delimitado a uma nota final e puramente classificatória, tornando-a mais significativas para a vida e o cotidiano dos alunos.

Considerando nossa falta de experiência em sala de aula, a oportunidade do estágio proporcionou um bom aprendizado para podermos utilizá-lo em nossa prática profissional, nos conferindo uma maior segurança para a sala de aula e mecanismos de como estimular o interesse dos alunos pela aula, facilitando o processo do ensino e aprendizagem. Aprendemos também a observar as individualidades dos alunos, identificando suas dificuldades, estimulando o desenvolvimento de suas múltiplas inteligências. Pudemos perceber ainda a importância do trabalho em grupos para a promoção da socialização entre os alunos.

Constatamos que, com estímulo correto é possível despertar o interesse dos nossos alunos, o que nos faz concluir que não existem alunos desinteressados e sim desestimulados, com isso buscamos de diversas formas estimular o interesse dos menos participativos.

A disciplina nos fez perceber a importância da elaboração de um projeto de ensino, pois existem vários benefícios na realização destes como alternativa metodológica. Eles possibilitam considerar o conhecimento como globalizado, abrem espaço para trabalhos que vão além do espaço delimitado por cada disciplina, valorizando os saberes dos alunos, oportunizando um processo mútuo de aprendizado, através de mecanismos onde a aprendizagem se torna mais significativa, fortalecendo a função social da escola.

Através de relatos das experiências em sala de aula feito pelos colegas, ficou claro que cada turma se porta de maneira diferenciada, onde o professor deve aplicar diferentes

projetos que atendam as necessidades de cada uma, utilizando para isso metodologias diversificadas e recursos didáticos de acordo com as possibilidades da escola e o contexto social no qual esta inserida.

## REFERÊNCIAS

ABROMAVAY, M.; CASTRO, M. G. **Ensino médio: múltiplas vozes**. Brasília: UNESCO, 2003.

BARROS, F. J. ; SILVA, D. **Algumas reflexões sobre a avaliação dos estudantes no ensino de ciências**. Ciência & Ensino, Campinas/SP, v. 1, n. 9, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais: Ciências Naturais** (1º e 2º ciclos). Vol. 4. Secretaria de Educação Fundamental. 2ª ed. Rio de Janeiro: MEC/SEF, DP&A, 2000.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Apresentação dos temas transversais**. Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino médio**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

BIZZO, N.; JORDÃO, M. **Ciências BJ, 7º ano**. São Paulo: Editora do Brasil, 2007.

COELHO, F. J. F. **As avaliações escritas no ensino das ciências: que tal revermos nossas práticas docentes?** Revista Iberoamericana de Educación, v. 1, n. 36, 2005.

DARSIE, M. M. P. **Avaliação e aprendizagem**. Cadernos de Pesquisa, n.99, 1996.

DELORS, Jacques. **Educação um tesouro a descobrir**. UNESCO: Asa, 1997.

FARIA, A. R. **Desenvolvimento da criança e do adolescente segundo Piaget**. 4ª ed. São Paulo : Ática, 1998.

FURTADO, J. C. F. **O desafio de promover a aprendizagem significativa**. Revista UNIABEU, v. 20, 2006.

FURTER, Pierre. **Educação e reflexão**. Petrópolis: Vozes, 1973.

HADJI, Charles. **Avaliação desmistificada**. Porto Alegre. RS: Artmed, 2001.

**INEP - Thesaurus Brasileiro da Educação**. Disponível em: <<http://www.inep.gov.br/pesquisa/thesaurus/thesaurus.asp?te1=122175&te2=105836&te3=122199&te4=36676>>Acessado 01/07/2010

LIBÂNEO, J. C. **Organização e gestão da escola: teoria e prática**. Goiânia: Alternativa, 2001.



LUCKESI, Cipriano C. **Avaliação da aprendizagem escolar**. 18. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MORETTO, Vasco Pedro. Avaliar com eficácia e eficiência. In: **Prova: um momento privilegiado de estudo, não um acerto de contas**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.

REVISTA ESCOLA. **Avaliação: avaliar para crescer**. Abril. 2000. Disponível em:  
<<http://revistaescola.abril.com.br/img/planejamento/celso.doc>> Acessado em 02/07/2010

SILVA, J. L. P. B. ; MORADILLO, E. F. **Avaliação, Ensino e Aprendizagem de Ciências**. Ensaio. Pesquisa em Educação em Ciências, v. 4, 2002.

TAVARES, R. **Aprendizagem significativa e o ensino de ciências**. Ciências & Cognição (UFRJ), v. 13, 2008.

TRAVASSOS, L. C. P. **Inteligências Múltiplas**. Revista de Biologia e Ciências da Terra, v. 1, n. 2, 2001.